

# Narcisismo & sociedade

Narciso Julio Freire Lobo\*



## RESUMO

O artigo trabalha a idéia do narcisismo na sociedade tomando por base a minissérie *Anos Rebeldes* (1992), que encenou pela primeira vez no Brasil, pela televisão, os anos de chumbo da ditadura militar (1964-1985). A partir da polêmica sobre a geração AI-5, que seria, segundo Luciano Martins, mais individualista, e do contraponto de Jurandir Freire Costa, apontando para o papel da publicidade e de sua promessa de um EU inalcançável, o autor repassa o aspecto da ficção e da história recente.

Palavras-chave: *Ficção televisiva, minissérie, história do Brasil, ditadura, individualismo.*

## ABSTRACT

Based on the miniseries *The rebellious years* (1992), which for the first time in Brazil presented on television the harsh years of the military dictatorship (1964-1985), this article looks at the idea of narcissism in society. Starting from the polemic regarding the origin of the AI-5, which according to Luciano Martins would be more individualistic, and from the counterpoint of Jurandir Freire Costa, showing the role of publicity and its promise of an unreachable I, the author examines the aspects of the fiction and recent history.

Key words: *Television fiction, miniseries, history of Brazil, dictatorship, individualism.*

*Quantas vezes tentou captar o simulacro e  
mergulhou os braços abraçando nada!*  
(Metamorfoses III, 407-510, de Ovídio.  
Trad. Haroldo de Campos).

## INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado no contexto das discussões acontecidas durante o curso sobre Narcisismo e Sociedade, ministrado pela professora doutora Yvette Piha Lehman, do Departamento de Psicologia Social da Universidade de São Paulo. Aproveitei a oportunidade para colocar em cena um tema que sensibilizou milhões de pessoas, em 1992, quando a Rede Globo exibiu a minissérie *Anos Rebeldes*. Mais tarde, quando da elabo-

ração da tese de doutorado, esta minissérie voltou a ser analisada sob outro ângulo.

De comum, no entanto, está o meu olhar para os movimentos de juventude e toda a sua carga de utopia e solidariedade. A própria idéia da disciplina, ao propor a relação entre narcisismo e sociedade, já trazia implícita a proposta de se passar em revista um pouco dessas ondas que transitam de generosas visões comunitárias a egoístas e autocentradas concepções da vida e da sociedade.

\*Doutor em Ciências da Comunicação, professor do Departamento de Comunicação Social e do Mestrado em Natureza e Cultura na Amazônia da Universidade do Amazonas.





## NARCISISMO, MITO E ATUALIDADE

“Os livros não são talvez coisa muito necessária. À primeira vista, uns tantos mitos seriam suficientes...”.

Com estas palavras, André Gide abriu o seu *Tratado de Narciso*, obra lançada em 1891, no mesmo ano em que Oscar Wilde publicava *O Retrato de Dorian Gray*. Em 1914, aparecia a *Introdução ao Narcisismo*, de Sigmund Freud, dimensionando o mito como elemento de constituição e construção do homem no seu processo de separação da natureza. O mito fincando as estacas da cultura.

Considerado um dos mais importantes trabalhos de Freud, *Introdução ao Narcisismo* resumia as primeiras discussões sobre o tema no desenvolvimento sexual e estudava de maneira mais aprofundada as relações entre o Ego e os Objetos Externos, além de introduzir os conceitos do Ideal de Ego e do agente auto-observador a ele relacionado, que constituíram a base do que, finalmente, veio a ser descrito como Superego.

Freud considerava o narcisismo um estágio normal da evolução da libido e condição para que o sujeito possa se interligar com seu meio social. Existiria um narcisismo primário onde ainda não há o Eu constituído, nem a diferenciação entre o Eu e o não-Eu; e também um narcisismo secundário, sinalizando para o momento em que o indivíduo retira a libido que está investida nos objetos com os quais se ligou no decorrer de sua vida. Aqui define-se o Eu e o não-Eu, com o próprio Eu tornando-se objeto de atenção e admiração.

Os deuses gregos, com suas características humanas de paixões, invejas, vinganças, não podiam suportar que a beleza, um atributo divino, pudesse freqüentar a terra. Mesmo

que esse ser belo fosse único e carregasse a interdição de se ver, se olhar, se mirar, se imaginar. Narciso, assim, é o mito da constituição do sujeito. Eco, a ninfa apaixonada, e rejeitada, veio quebrar a harmonia estabelecida, a perfeição, e introduziu a inusitada presença do Outro. Narciso não era completo. Essa a sua grande ferida. Ele precisava do Outro para se tornar humano. O mito traz o exemplo. É o paradigma.

Na busca desesperada para comunicar-se – “Quantos beijos vazios deu na mentira d’água!”, relata Ovídio –, Narciso diz para sua imagem que adivinha palavras em sua linda boca, “móveis palavras que ao ouvido não chegam.” Narciso, pouco a pouco, pela chama do amor se finda e se consome... A ninfa não correspondida chora e a cada “ai” seu ecoam “ais” que duplicam seus lamentos. Eco ressoa o pranto. E na impossibilidade da comunicação, sobrevem a morte.

Muito já se discutiu sobre o alcance da psicanálise. Mesmo as tentativas de Freud de buscar leituras para questões da cultura, da arte e da religião, apesar de frutíferas, revelaram-se incompletas, parciais ou mesmo propiciadoras de equívocos. Foi ao buscar sua centralidade no indivíduo que a psicanálise se revelou rica e fecunda. Contraditoriamente, foi aí que forneceu elementos preciosos para o conhecimento da própria sociedade.

Atento aos limites, não pude conter o desejo de transformar a leitura prazerosa do texto de Jurandir Freire Costa, resultado da polêmica com Luciano Martins – “Sobre a Geração AI-5: Violência e Narcisismo” –, em pre/texto para lançar um olhar para a forma como a indústria cultural, através do melodrama folhetinesco, está contando parte da história recente, relacionada com a dura e até sangrenta tentativa de inserção política de uma geração.

O ensaio de Jurandir Freire Costa surgiu como resposta a um outro ensaio, escrito no final da década de 70, pelo sociólogo Luciano Martins, denominado “A Geração AI-5”. No seu trabalho, de acordo com o resumo de Costa, Martins fala de um novo individualismo urbano, dos grupos privilegiados, como produto do regime de exceção surgido em 1964 e exacerbado a partir de 1968. A super-exploração econômica dos trabalhadores e o desrespeito aos direitos individuais, em nome da ideologia da segurança nacional, segundo Martins, teriam atingido o indivíduo ao subtrair-lhe a condição de sujeito da própria história. Assim, os jovens, impedidos de exercerem a cidadania plena pela participação política, passaram a desenvolver formas reativas de oposição: no lugar de rejeitarem a cultura autoritária, simplesmente reproduziam-na em outra clave. E os sintomas flagrantes desse subjetivismo seriam o culto da droga, a desarticulação do discurso e o modismo psicanalítico.

Jurandir Freire Costa abriu caminho para uma compreensão abrangente do momento novo do comportamento da juventude. No lugar de se prender aos puros ressentimentos de um largo e dolorido período ditatorial, ele apontou para tendências que estão além das fronteiras do Brasil. A tendência para o isolamento individualista triunfando sobre a abertura para a vida comunitária e/ou coletiva aparece como fenômeno tanto de sociedades que viveram sob ditaduras como de sociedades onde as liberdades democráticas se mantiveram intocadas. Com lucidez, criticou o pensamento que confunde os traços psicológicos e culturais de uma época com traços psicopatológicos, resultando, esse tipo de análise, numa perigosa medicalização da vida social.

*O mal-estar da cultura atual não se explica, em nossa opinião, por um*

*'excesso qualquer de narcisismo', ligado à economia da experiência de satisfação. O homem narcísico não sofre por querer 'gozar demais' ou por sonhar com o Eros órfico e narcísico, da utópica Grande Recusa marcusiana... O narcisismo moderno é um narcisismo regenerador. O investimento compulsivo no corpo que presenciamos hoje é uma maneira encontrada pelo indivíduo de limitar os efeitos violentos da sociedade de consumo (Costa, 1986: 169).*

Analisando detalhadamente as proposições de Christopher Lasch e da Escola de Frankfurt e, de passagem, as idéias de quase uma dezena de pensadores preocupados com o tema do narcisismo, Jurandir Freire Costa operou uma notável inversão. Situou o narcisismo moderno pelo ângulo da dor, a partir da constatação de Freud de que toda a nossa atenção, ou seja, todo o nosso investimento se volta para nós mesmos nos momentos em que padecemos de uma enfermidade ou de uma dor. Da mesma forma, o homem moderno, violentado por um modelo publicitário de pessoa perfeita, distante e inatingível, mergulha no intenso medo da velhice, no fascínio pela celebridade, na voracidade pela admiração pública, no medo da competição, no declínio do espírito lúdico, na deterioração das relações, sensação de vazio interior, fome insaciável de novas experiências emocionais e frieza nas relações afetivas, dentre outras, absorvendo os traços típicos de uma cultura muito próxima do que os psicanalistas chamam de sintomatologia da patologia narcísica.

Negando-se a ver traços psicopatológicos na cultura, no caso a cultura americana analisada por Lasch, Jurandir Freire Costa opina que o impasse do indivíduo urbano não é o de





saúde ou doença, sua ou da sociedade, mas o da impossibilidade de escapar da teia de violência em que se encontra. A doença não estaria nos traços da cultura mas no fato de esta não oferecer aos indivíduos os instrumentos e as estratégias para atingirem os modelos que são postos como ideais para cada um.

De acordo, ainda, com o autor (p. 182):

*Na ideologia do prazer, este estado de graça alcançado no além pelos bem-aventurados, é definido como imanente ao corpo e não transcendente à vida. Sua natureza, terrena e inalcançável, porque refabricada dia a dia pela moda. Mesmo assim, a insanidade consumista ordena que o indivíduo persiga, como um Sísifo. O corpo da moda, miragem da onipotência erótica, encontra-se no mundo, exposto nas vitrinas, páginas de revistas, telas de cinema e televisão. Mas, como o reflexo do Narciso grego, está lá para ser visto, cobiçado e nunca para ser apropriado. Ao ser tocado ele some, desfaz-se.*

O Narciso moderno, em conseqüência, não é um Narciso, mas uma prosaica Moura-Torta, na percepção de Costa (p. 188), que não ama a imagem de si mesmo, ao contrário, a odeia:

*Como a Moura-Torta, ele está obsessivamente fascinado pela invejada e odiada imagem do corpo da princesinha. Sem a posse deste corpo principesco, o corpo da moda, as portas do castelo lhe serão fechadas e... adeus! sonhos de celebridade, poder, riqueza e exibicionismo.*

No Brasil dos últimos 30 anos, dois momentos são particularmente marcantes e exemplares: o primeiro, trazendo forte sentido de uma utopia comunitária, voltada para a solidariedade, cujo ponto alto são as passeatas e manifestações de 1968, que praticamente se encerra com a imposição do Ato Institucional nº 5, numa sexta-feira, dia 13 de dezembro, 1968. O segundo, voltado para o auto-investimento, reforçando a idéia de que a salvação estava no que o indivíduo pudesse fazer por si, não importando os meios. A década de 1970 consagrou a famosa Lei de Gerson, cuja essência era a do indivíduo que devia levar vantagem em tudo.

A televisão brasileira, que por razões de interesses políticos e da censura, deixou de noticiar e mostrar as lutas dos estudantes, de trabalhadores e de intelectuais, agregados ou não a organizações políticas clandestinas, no período em que elas aconteciam, acabou por produzir, em 1992, uma obra de forte impacto emocional e político – a minissérie *Anos Rebeldes*. Mesmo lapidada pela assepsia que é marca registrada da Rede Globo, a série ganhou uma enorme ressonância, principalmente entre a juventude. Uma geração que tanto não testemunhou como sequer sabia direito o que havia acontecido naqueles anos de chumbo, os “tempos ruços”, parecia estar dependendo daquelas informações para elaborar o seu esquema de ação. Faltava uma senha? Coincidência ou não, quando eram transmitidos os últimos capítulos de *Anos Rebeldes* os “cara-pintadas” já tomavam as ruas, gritando o “Fora Collor!”

### FICÇÃO EXEMPLAR

Muita gente já estabeleceu relação direta entre a televisão e a bonita Sharazhade, personagem de *As Mil e Uma Noites*, que para livrar-se da condenação à morte precisava

contar a seu senhor, noite após noite, uma história nova, um episódio marcado por tensão, perigo, paixão, fracasso, êxito, capaz, em síntese, de revelar, pela fabulação, aquilo que foi acumulado pela experiência e, principalmente, pela capacidade humana de abstrair, imaginar e sonhar.

Já se disse, também, que a televisão, tal como Eco da mitologia grega, foi condenada pelos deuses a repetir-se, monotonamente, pelo resto dos tempos por ter caído na tentação da inconfidência e da tagarelice. É uma visão um pouco mais pessimista que a primeira e revela o receio que o veículo ainda desperta em todas as sociedades. Sharzhade para uns, Eco para outros, ou simplesmente as duas coisas ao mesmo tempo marcando os veículos de comunicação, tal como os conhecemos.

Os países da Europa estabeleceram a tradição da televisão estatal, cultural e educativa, que se burocratizou, perdeu o entusiasmo pela busca de inovações e hoje vive o processo de desregulamentação, com o ingresso de redes privadas avivando a concorrência e suscitando novos programas e um interesse maior do público pelo veículo. Registre-se, por outra parte, a reclamação generalizada com a queda da qualidade. O modelo norte-americano de tevê, de base comercial, voltado principalmente para o entretenimento, expandiu-se pelo mundo, exportando sua produção e ocupando cada vez mais espaço no imaginário de suas populações.

O Brasil seguiu a trilha da televisão comercial. A sua consolidação em todo o país, a partir da década de 1970, teve como suporte a política de integração nacional do regime militar, que tanto financiou a infra-estrutura de sistemas de transmissão à distância, seja pelo

sistema de microondas, seja via satélite, como estimulou a produção e a venda a crediário de aparelhos receptores, criando, assim, não apenas um público nacional, mas um mercado de consumo pela primeira vez integrado de norte a sul. O projeto político dos militares ficou a meio caminho, com a estreiteza dos métodos e com o recurso fácil da censura, mas ficou o suporte tecnológico que se tem hoje.

Uma das heranças mais palpáveis do processo brasileiro de fixação da televisão foi a desconfiança. Fortalecida justamente num período em que a cultura como um todo sofria as agruras da repressão e da censura, com o abafamento do cinema, do teatro, da música, da literatura e principalmente das manifestações espontâneas da juventude. Roberto Schwarz, em ensaio famoso, comenta que o golpe militar, entre 1964 e 1968, tirou de cena os movimentos populares e se limitou a cortar, naquela ocasião, as pontes entre o movimento cultural e as massas. No entanto, a partir de 68, quando o regime percebeu que uma nova massa havia surgido, capaz de dar força material à contestação – os estudantes mobilizados, organizados ou em semiclandestinidade –, partiu para o endurecimento, para os anos de chumbo.

E nesse clima aconteceu a expansão e consolidação da televisão brasileira, tendo como líder absoluta, até hoje, a Rede Globo. Uma parte politizada da população transformou a desconfiança em claro preconceito, apesar da complexa dinâmica envolvida nesta gigantesca máquina. Justamente na década de 70 a Rede Globo se apropriou das experiências bem-sucedidas no campo da ficção seriada. A telenovela *Beto Rockfeller*, da Rede Tupi, 1968, havia criado impacto favorável, marcando o momento de ruptura com os velhos dramalhões tipo *Direito de*





*Nascer*. E na trilha da nacionalização dos temas, recorrendo às situações do cotidiano e boa dose de realismo, o velho folhetim, com suas tramas, seus suspenses, suas lágrimas, ganhou roupa nova, conquistou novo público e acabou se tornando item de exportação para mais de 100 países.

Dramaturgos, atrizes, atores, técnicos, expulsos de suas atividades no teatro e no cinema, pela ação terrorista da censura, acabaram, contraditoriamente, na televisão. Lauro César Muniz e Dias Gomes são dois exemplos de dramaturgos. Os atores são muitos, bastando citar Fernanda Montenegro e Paulo Autran. No lugar do público de uma sala de teatro, ou de cinema, restrita a poucos, estas figuras passaram a ter como público habitual, 30, 40, 50 e até 80 milhões de pessoas, como acontece hoje. E assim desembarcamos na década de 1990.

## FICÇÃO E HISTÓRIA

1964. Primeiros dias de março. Numa sala de aula do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, o professor de História formula a seus alunos do terceiro ano clássico a pergunta que reflete o momento de questionamentos e inquietações, acerca de um passado que na verdade tem em mente situar o presente:

– Por que as colônias de povoamento que se estabeleceram na América do Norte aqui não conseguiram se desenvolver da mesma forma?

Um dos alunos, João Alfredo, levanta a mão e pede para responder:

– Porque Portugal e Espanha só queriam explorar os nossos recursos naturais para desenvolver o comércio na Europa. Na Amé-

rica do Norte os colonos foram mesmo para viver lá, para se estabelecerem...

A resposta, em tom grave, do ainda quase menino que se preparava para deixar a escola secundária, provocou o óbvio “muito bem” de seus embasbacados colegas e do próprio professor.

O caso de amor entre Maria Lúcia, filha de um jornalista de esquerda, e João Alfredo, filho de uma classe média conservadora, deu o pano de fundo, o pretexto, para um olhar em perspectiva por sobre o Brasil do período imediatamente anterior ao golpe militar de 1964, quando agonizava o governo constitucional de João Goulart, até 1971, já no governo Médici, com o país silenciado e “pacificado”.

A minissérie *Anos Rebeldes*, escrita por Gilberto Braga e Sérgio Marques, teve a direção conjunta de Denis Carvalho e Sílvio Tandler e foi exibida em 20 capítulos pela Rede Globo no período de 14 de julho a 14 de agosto de 1992, no horário das 22h. Colocada entre os grandes sucessos de audiência, atingiu um espectro de cerca de 30 milhões de telespectadores. O formato minissérie, com as características que tem hoje, apareceu pela primeira vez, na Rede Globo, em 1982, como um projeto da emissora de criar uma alternativa para o público mais exigente e arredio às telenovelas.

*Lampião e Maria Bonita* (1982), *Avenida Paulista* (1982) e *Quem Ama Não Mata* (1982), foram as três primeiras minisséries apresentadas. As duas últimas deixaram forte marca entre o público porque tratavam temas ousados para a época: o jogo duro e corrupto para a ascensão no império financeiro que circula pela Avenida Paulista, e o tema da violência contra a mulher. Dessa forma, as minisséries substituíram as telenovelas do horário das dez.



*Anos Rebeldes* trabalha a temporalidade dividindo-a em três momentos: “Os Anos Inocentes”, “Os Anos Rebeldes” e “Os Anos de Chumbo”. O primeiro período pega a transição para o regime militar e flagra os quatro amigos inseparáveis, João, Edgar, Galeno e Waldir vivendo o entusiasmo de um momento que também é de mudança nas suas vidas em que devem fazer suas opções de carreira universitária.

No afã de organizar um debate no grêmio reunindo personalidades como Evandro Lins e Silva, Oscar Niemeyer, Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, Lúcio Costa e o jornalista Orlando Damasceno (este personagem fictício), o combativo João Alfredo acaba conhecendo a filha de Damasceno, Maria Lúcia, por quem fica imediatamente impressionado. Ardoroso admirador do jornalista, João transfere para a jovem não só a admiração como a expectativa de que ela seja também politizada como o pai. Ela desperta também a atenção de Edgar, empolgado com a proposta do triângulo amoroso do filme *Jules et Jim*. Vendo a impossibilidade, logo propõe, em tom de ironia, ao amigo:

– Tudo bem, você admira muito o pai dela... fica, então, com o velho que eu fico com ela...

Maria Lúcia, apesar de bonita, decepciona. Ela faz a trajetória no sentido contrário. Não consegue entender como o pai, que passou a vida trabalhando pelos outros, nada construiu para si mesmo. João discorda, diz que foram homens assim que modificaram o mundo.

– Você acha que pode modificar o mundo, é? – pergunta Maria Lúcia.

Questões como essa pontilham a minissérie. Estão em pauta duas posturas diante do

mundo. Na própria casa de Maria Lúcia existem pelo menos três microcosmos: na sala, diante da televisão, sua mãe conversa com vizinhas sobre a beleza de Yoná Magalhães, sobre os “conjuntinhos” *banlon*, que “são a última moda”. Numa área mais reservada, o jornalista Damasceno conversa com amigos do partido sobre a possibilidade de emprego num empreendimento destinado a “fazer uma enciclopédia”. Por sua vez, no quarto que é ao mesmo tempo a biblioteca do pai, Maria Lúcia estuda com amigas a fase do naturalismo na literatura brasileira. Seu maior sonho na vida? Simples: ter um quarto que seja só seu, uma velha promessa do pai, sempre em dificuldades políticas e financeiras.

Na casa da amiga milionária Heloísa, ponto de encontro para festinhas de fim de semana, outro núcleo de contradições: a mãe vivendo o dilema da passividade diante do marido livre para aventuras extraconjugais, o filho preparando-se para suceder o pai nos seus altos negócios e Heloísa, a personagem que vai romper com o esquema familiar, desafiando o pai-empresário envolvido com negócios e negociatas do novo regime. É um homem feliz com a nova situação:

– A revolução vai acabar com a corrupção e colocar a economia nos eixos!

Um flagrante de uma das primeiras discussões entre João e Maria Lúcia. Ela:

– Eu não entendo porque você consegue falar tanto de política...

Ele:

– Eu não entendo porque você não consegue falar em política...

Dois blocos de símbolos permeiam a vida das personagens. De um lado, Beatles, o filme *Jules e Jim*, Che Guevara, passeatas, Reformas de Base, dançar no terraço do Hotel Miramar, tomar sorvete no Moraes, assistir





show com Nara no Teatro Opinião, falar de samba, curtir bossa-nova. Perfeita combinação de símbolos para um perfil misturando inocência, engajamento, sintonia com as idéias de mudança e um puro sentido de solidariedade.

Solidariedade que pode ser exemplificada na ação de João, junto à amiga rica Heloísa, para que esta arranjasse um emprego para Waldir, cujo pai, por motivo de alcoolismo, havia perdido o trabalho de zelador do prédio, colocando em risco a sua formatura no colégio... Nas mãos do pai de Heloísa, Dr. Fábio, o inexperiente Waldir perderá a inocência e quebrará o sentido da solidariedade. Este é o outro lado do rio: Golpe, Marcha com Deus pela Família, cooptação, financiamento de atividades anti-subversivas e dupla moralidade, com as aventuras amorosas na rua e rígida exigência de cumprimento dos valores cristãos quando está em casa com a família.

É na relação de Edgar e João que está centralizado o grande dilema envolvendo a disputa pelo amor de Maria Lúcia. É uma luta com vários rounds mas, apesar de tudo, a amizade entre os dois, mesmo com ferimentos, permanece. Depois que Maria Lúcia se define pelo namoro com João, acontece um belo diálogo entre os dois amigos, quando eles rememoram a infância vivida juntos e uma promessa que fizeram, ainda garotos: farão qualquer esforço para assistirem juntos, pela televisão, a chegada do homem à Lua. Diz João:

– A amizade pra mim, Edgar, é o troço mais sagrado dessa vida...

A rebeldia de 68 transcorrendo ao som de “Guantanamera”, “Alegria, Alegria”, “Soy Loco Por Ti América”, “Roda Viva”. A disputa entre “Caminhando” e “Sabiá”. João, claro, achava a música de Vandrê mais bonita e mais revolucionária, enquanto Maria Lúcia torcia pela música de Tom Jobim e Chico Buarque. Morte de Edson Luís de Lima Souto. Jeanne Moreau como símbolo da mulher engajada e independente; Doris Day como símbolo da mulher bonita e burra. “Abaixo a virgindade...” O sonho acabou.

### REALIDADE E FICÇÃO

O professor de História está exilado; João, na clandestinidade; Galeno virou hippie e, como elemento chave do seqüestro do “Imperador da Suécia”, está a rica e bonita Heloísa, depois de romper com o pai autoritário e conservador. A peça *Hair* anuncia os tempos de Aquários enquanto o governo Médici anuncia que “Ninguém Segura Esse País”... “Pra Frente Brasil” é o hino da Copa do Mundo de 1970. A telenovela *Irmãos Coragem* cruza o Brasil via satélite. É a integração nacional pelas telecomunicações. Via Intelsat, Caetano manda notícias do exílio para o “Pasquim”.

Embora a dicotomia entre a visão generosa e comunitária de João (interpretado por Cássio Gabus Mendes) e a visão individualista de Maria Lúcia (interpretada por Malu Mader), querendo viver sua vida, tenha provocado a ira de alguns críticos, houve unanimidade, no entanto, com relação ao desempenho da atriz Cláudia Abreu, então com 21 anos, no papel de Heloísa, a jovem bem-nascida que aderiu à luta armada e teve final trágico nas mãos da repressão política.

### EPÍLOGO

### OS ANOS DE CHUMBO



Cláudia Abreu, em entrevista, na época, lamentava:

*Tendo nascido em 1970, às vezes acho que perdi a festa. Os tempos em que os jovens agitavam na política, ou na contracultura, me parecem muito mais atraentes. Minha geração é individualista, lê pouco, debocha de tudo, e não me excludo desse perfil, mas não gosto dele.*

Dois dias depois do fim da exibição de *Anos Rebeldes*, na sua edição de domingo, 16 de agosto de 1992, o jornal “O Estado de S. Paulo” publicou reportagem de duas páginas, com o título: “País relembra rebeldia na TV e nas ruas”. A matéria informava que os últimos capítulos da minissérie foram marcados por manifestações em São Paulo e no Rio de Janeiro que colocaram o país na máquina do tempo: 1992 ou 1968? As manifestações logo se espalharam pelo resto do Brasil. Nas ruas, os estudantes cantavam “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso, tema da série, e lançavam palavras de ordem pedindo o fim do governo Collor.

A reportagem de “O Estado de S. Paulo” trouxe depoimentos de ex-militantes políticos, jovens na década de 60. Álvaro Caldas, hoje jornalista e romancista, disse que participou da última geração que teve utopia e acrescentou:

*A série tem a qualidade de mostrar que os valores daquela época não estavam ligados a dinheiro, a riqueza. Eram valores políticos, de generosidade, igualdade, paixão e justiça, embora a nossa proposta de poder fosse autoritária, discriminatória.*

Alfredo Sirkis, cujo livro, *Os Carbonários*, junto com o de Zuenir Ventura, 1968 – O

*Ano que Não Terminou*, serviu de suporte para o roteiro de Gilberto Braga e Sérgio Marques, foi também entrevistado e reclamou:

*(...) faltou na série retratar o extremo grau de solidão e isolamento em que a gente vivia, não apenas individual, mas sobretudo socialmente. No movimento estudantil, quebrávamos o pau com a polícia na Avenida Rio Branco (Rio) e as pessoas aplaudiam. Mas depois do AI-5, o cerco da repressão aumentou e a nossa solidão também. A imprensa nos tratava como terroristas, criminosos. Havia um clima de medo generalizado da população.*

Sérgio Marques, co-autor da minissérie, também ex-militante, reclamava, na entrevista, da instalação, no Brasil, de uma “mistura de colonialismo lusitano com ambição saxônica, que valoriza não só ganhar dinheiro, mas ganhar de qualquer maneira”. Uma outra ex-militante ouvida pela mesma reportagem, Lúcia Murat, dizia: “O importante é tentar resgatar para a sociedade o sentimento de paixão que existia naquela época...”.

Confrontando as declarações de duas gerações: a de Cláudia Abreu, achando que perdeu a festa, e a dos ex-militantes, entrevistados pelo “O Estado de S. Paulo”, verifica-se, de pronto, a idealização de um momento da história brasileira.

A impressão manifestada pela jovem intérprete de Heloísa foi a mesma de milhares de jovens em todo o país, flagrando-se num projeto de vida pessoal e sem vínculo com qualquer utopia de caráter comunitário ou coletivo, iguais a tantos outros heróis colocados como paradigmas do nosso tempo pelos meios de comunicação de massa. Exatamente





como aquele corpo da moda, oferecendo a miragem da onipotência erótica, destinado a ser visto e cobiçado, mas que, ao ser tocado, como diz Jurandir Freire Costa, some, desfaz-se.

O fato novo, com *Anos Rebeldes*, é que acontecimentos constrangedores e desagradáveis, vividos pelos militantes das décadas de 60 e 70, como o isolamento, a pecha de terroristas, o medo, a repressão, como ressaltou Alfredo Sirkis, ganharam, no folhetim da Rede Globo, cores, toques, ritmos e retoques que colocaram, também no registro paradigmático dos meios de comunicação – e por que não da cultura de massa produzida no país, – os feitos de uma geração e de uma época em plena empatia com o grande público dos anos 90, sobretudo aqueles que nasceram já na década de 70 em diante.

Não sendo documentário, com sua característica de objetividade, conceito que costuma gerar polêmica entre teóricos e profissionais do jornalismo, mas ficção, apoiada na experiência melodramática que a televisão tão bem herdou do cinema e do rádio, *Anos Rebeldes* transformou aquele momento censurado da história recente num modelo de vida que fez tantos jovens suspirarem e lamentarem por não o terem vivido.

Veio o “Fora Collor!”, com ele os “carapintadas”. Nas manifestações, no lugar da música de Vandré, “Caminhando”, cantava-se “Alegria, Alegria”, de Caetano, uma referência direta à música-tema da minissérie. Não era possível voltar no tempo. Uma nova subjetividade se forjava no novo momento.

Posteriormente, no seriado *Confissões de Adolescente*, dirigido por Daniel Filho, que foi apresentado pela Rede Cultura, num dos episódios, “A Eleição”, é flagrado um importante momento do despertar político de uma

novíssima geração: a irrequieta Carol, de 13 anos, resolve formar sua tribo, sua comunidade, para enfrentar, de um lado, o grupo “politizado”, com a retórica tradicional de esquerda que domina o Grêmio Estudantil há dois anos, e de outro, um grupo de “mauricinhos”, como ela mesmo o chama.

Para desmontar o discurso do grupo de esquerda, às voltas com temas que extrapolam a sala de aula e o universo do pequeno colégio, sua plataforma defende a não obrigatoriedade do uso de uniforme, preços mais baixos na cantina e outras questões de interesse daquela comunidade. Para enfrentar o charme e o dinheiro dos “mauricinhos”, Carol lança mão de uma denúncia-bomba, com testemunha e tudo: estavam trocando votos por sanduíches.

Carol e seus companheiros vencem a eleição, deixando para trás os dois experimentados “partidos”. Ela parece dizer, a exemplo de Gide, no *Tratado de Narcisismo*, que quem não ousa arriscar um gesto sem romper toda a harmonia é, na verdade, um escravo, por não saber de sua força e deixá-la em permanente desuso.

O Narciso inatingível da moda, o Narciso da dor, entrecruza-se com Narciso Sujeito, Eu-fundador. Na esquina, no metrô, na telinha da tevê, na cultura, no imaginário...

Além das dores, a possibilidade de se criar estratégias que possam absorver, sem o adoecimento, a incomunicação e a morte, o Narciso necessário, aquele que renasceu/floresceu com o “olho de topázio entre pétalas brancas”, como escreve Haroldo de Campos na sua versão das *Metamorfozes*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, Gilberto. *Anos Rebeldes*. São Paulo: Globo, 1992.
- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1989, vol. II.
- CANEVACCI, M. "Quatro mitos para um só Narciso". *Revista IDE*. Dezembro, 1991, p. 48-51.
- \_\_\_\_\_. *Dialética do Indivíduo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FREUD, Sigmund. "Narcisismo". *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1914, vol. XIV, p. 85-119.
- GIDE, André. *O Tratado de Narciso* (Teoria do Símbolo). Trad. Luiz Roberto Benati. São Paulo: Editions Notre Bas de Laine, 1983.
- GREEN, A. *Narcisismo de Vida e Narcisismo de Morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- LASCH, C. *O Mínimo Eu*. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A Cultura do Narcisismo*. Trad. Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- MATTELART, Michele e Armand. *O Carnaval das Imagens: A Ficção na TV*. Trad. Suzana Calazans. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- NOGUEIRA, Gabriel e Caldas, Suely. "País relembra rebeldia na TV e nas ruas". *O Estado de S. Paulo*, 16 de agosto de 1992, Caderno GERAL, p. 16.
- OROZ, Sílvia. *Melodrama: O Cinema de Lágrimas da América Latina*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.
- OVÍDIO. *Metamorfoses* (III, 407-510). Trad. Haroldo de Campos. *Folha de S. Paulo*, 21 de agosto de 1994, Caderno MAIS, p. 6.
- SCHWARZ, Roberto. *O Pai de Família e Outros Estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- 01.** Desde a colonização até os atuais processos de exacerbação das políticas pri-

